

O CORTIÇO: A FORMAÇÃO DO ESPAÇO E SUA INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO DE PERSONAGENS

Fábio Júlio de Paula Borges¹
Alessandra Carlos Costa Grangeiro²

GT 10 – Estudos Literários

Resumo

Levando-se em consideração o pensamento de Zola, que dialoga com o de Claude Bernard, o presente trabalho tem como objetivo, inicialmente, analisar a formação do espaço, o cortiço, na obra **O Cortiço**, em conjunto com a transformação da personalidade de alguns personagens, no que diz respeito ao furto e à prostituição e, posteriormente, relacionar essa temática à problemática contemporânea da formação das favelas - consideradas os atuais cortiços -, mostrando, assim, como essa temática mantêm-se atual, em pleno século XXI. Para fundamentar nosso trabalho, utilizamos a obra **O Romance Experimental**, de Émile Zola. Do ponto de vista metodológico adotamos uma postura transdisciplinar, visto que são utilizados conhecimentos de História, de Literatura e de Biologia, além de apontarmos para fatos da realidade circundante.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Naturalismo. O Cortiço. Temáticas Centrais. Contemporaneidade.

Introdução

¹ Acadêmico do curso de Letras - Língua Portuguesa/ Língua Inglesa e suas respectivas literaturas da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas. Autor do Projeto "História e Literatura: uma religação dos saberes para a reconstrução da história de Itauçu", orientado pela Profa. Dra. Alessandra Carlos Costa Grangeiro, autora e coordenadora do Projeto de Extensão "História e Literatura em Itauçu: uma religação de saberes". O projeto do acadêmico foi financiado pelo Fundo de Arte e Cultura, SEDUCE e Goiás Estado Inovador e têm como objetivo reconstruir a história de Itauçu através de um Romance Histórico e um Documentário. O projeto aguarda a fase de depósito do financiamento para ter início. depaulafabio@outlook.com

² É professora na Universidade Estadual de Goiás, Brasil. É doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999/2011). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Portuguesa. Tem feito investigação acerca do ensino de literatura numa perspectiva transdisciplinar, principalmente nos seguintes temas: tempo, espaço, memória e história. alessandraccosta@gmail.com



1058

O Naturalismo é uma escola literária surgida na França, em 1867, com a publicação da obra **Thérèse Raquin**, do escritor Émile Zola. Essa escola teve como principal objeto de estudo o ser humano e a condição dele no meio em que está inserido. Dessa forma, podemos lembrar-nos do conceito de determinismo que foi utilizado pelo evolucionista Charles Darwin, na sua obra **A Origem das Espécies** e, também, dos paralelos existentes entre os pensamentos de Zola e de Claude Bernard, autor da obra **Introdução ao Estudo da Medicina Experimental**, que influenciou as bases do **Romance Experimental**.

No Brasil, o Naturalismo iniciou em 1881, com a obra de Aluísio de Azevedo **O Mulato** e, em 1890, ele publicava **O Cortiço**, livro que mostra a situação do Rio de Janeiro em fins do século XIX, principalmente a das pessoas que habitavam os cortiços da cidade. Na obra, o autor evidencia a influência desse ambiente na formação e na transformação das personalidades de suas personagens. Aluísio de Azevedo, assim como Zola, apropriou-se dos caracteres, das paixões, dos fatos humanos e sociais para retratar essa diversidade e todas as suas mudanças. Levando-se em consideração o pensamento de Zola, analisaremos, inicialmente, a formação do espaço, o cortiço, apontando, desde já, a transformação da personalidade de alguns personagens, concernente ao furto e à prostituição e, ao final, relacionaremos essa temática à problemática contemporânea que é a formação das favelas - consideradas os atuais cortiços - mostrando, assim, como essa temática mantém-se atual em pleno século XXI.

Na sua obra, Bernard lutava para a inserção da medicina como um estudo científico, e não apenas como uma arte, como muitos a consideravam. Da mesma forma, Zola defendia que o romance deixasse de ser considerado apenas uma arte e passasse a ser um estudo científico. Para Zola, o caminho que deveria ser trilhado era o da comprovação, e não mais o da idealização ou o da metafísica, como defendiam os românticos. Para ele, o autor naturalista deveria ser mais do que um observador, deveria ser um experimentador, deveria sair do “porquê” e partir para o “como”, semelhante ao funcionamento da ciência experimental. A experimentação deveria causar impacto no objeto em análise. Para melhor compreendermos a articulação de Zola no que concerne ao vínculo entre a ciência experimental e o romance experimental, bem como o papel do romancista e o seu principal objetivo, vejamos a seguinte afirmação:

Desde já, a ciência entra, portanto, no nosso domínio de romancistas, nós que somos agora analistas do homem, em sua ação social e individual. Continuamos, pelas nossas observações e experiências, o trabalho do fisiólogo que continuou o do físico e do químico. Praticamos, de certa forma, a Psicologia científica, para completar a Fisiologia científica; e para acabar a evolução, temos tão-somente que trazer para nossos estudos sobre a natureza e o homem o instrumento decisivo do método experimental. Em uma palavra, devemos trabalhar com os caracteres, com as paixões, os fatos humanos e sociais como o químico e o físico trabalham com os corpos brutos, como o fisiólogo trabalha com os corpos vivos. O determinismo domina tudo. É a investigação científica, é o raciocínio experimental que combate, uma por uma, as hipóteses dos idealistas, e substitui os romances de pura imaginação, pelos romances de observação e experimentação. [...] Tudo o que se pode dizer é que há um determinismo para todos os fenômenos humanos. (ZOLA, 1880, p. 40-41)

Como vimos no excerto acima, a ciência entra no domínio dos romancistas. Cabe agora a eles analisar individualmente o ser humano e também como ele se manifesta na sociedade, para isso, comprovando "cientificamente" através de suas experimentações, a influência dos fatos sobre ele. O escritor precisa trabalhar com esses fatos, humanos e sociais, e evidenciá-los, pois são esses, além do próprio ser humano, os objetos analisados. O determinismo domina todas as áreas da vida humana, nisso indagamos, "Como o meio social determina na formação do ser humano?", "Isso influencia na manifestação de suas paixões?" O impacto que esse meio provoca no ser humano e suas consequências foram muito bem retratadas na obra de Aluísio de Azevedo, e é sobre isso que veremos nos parágrafos a seguir.

Os cortiços tiveram seu auge em fins do século XIX quando o centro do Rio de Janeiro passava por uma reurbanização com vistas à estética, uma vez que o modo de vida da elite exigia que a arquitetura se inspirasse nos modelos das metrópoles europeias. Sendo assim, os desfavorecidos tiveram suas casas demolidas e tiveram que buscar abrigos em lugares distantes, passando a viver de forma insalubre devido à falta de condições financeiras e outras acessibilidades. Nesse mesmo período, surgiram as novas moradias que substituíram esses espaços: as favelas. Assunto que abordaremos no final deste artigo. Na obra **O Cortiço**, podemos encontrar detalhes sobre a construção de uma dessas moradias, nesse sentido, destacamos, também, um dos principais elementos da análise: o furto, visto que foi construído por meio da apropriação de materiais das construções vizinhas. Nesse ponto, observamos a transfiguração da personagem Bertoleza que, sendo anteriormente honesta – conforme prova

o trecho seguinte: “Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria”, (AZEVEDO, 1997, p.1) - aderiu à prática por conta do seu envolvimento com João Romão, proprietário do Cortiço.

O personagem João Romão percebeu em Bertoleza algumas qualidades que lhes seriam úteis, inclusive, nas de ampliação do cortiço, o que resultaria no seu enriquecimento. Bertoleza era uma mulher esforçada, que prezava o seu serviço. Trabalhava, incansavelmente, para comprar sua alforria. Esses foram alguns dos fatores que despertaram nele um certo interesse. Após sua influência sobre Bertoleza, tanto o local em que viviam, quanto as ações de Bertoleza modificaram drasticamente. Vejamos no seguinte trecho:

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto. Estes furtos eram feitos com todas as cautelas e sempre coroados do melhor sucesso, graças à circunstância de que nesse tempo a polícia não se mostrava muito por aquelas alturas. João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte, e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal, para o meio da rua, com tamanha habilidade que se não ouvia vislumbre de rumor. Depois, um tomava uma carga e partia para casa, enquanto o outro ficava de alcatéia ao lado do resto, pronto a dar sinal, em caso de perigo; e, quando o que tinha ido voltava, seguia então o companheiro, carregado por sua vez. Nada lhes escapava, nem mesmo as escadas dos pedreiros, os cavalos de pau, o banco ou a ferramenta dos marceneiros. E o fato é que aquelas três casinhas, tão engenhosamente construídas, foram o ponto de partida do grande cortiço de São Romão. (AZEVEDO, 1997, p. 02)

Como vimos no excerto acima, a busca, a disputa e a ganância para sobressair naquele espaço precário, desperta nos personagens o instinto do furto e Bertoleza – que no início do livro foi destacada como uma mulher trabalhadeira - aderiu à prática, juntamente ao companheiro João Romão, confirmando, assim, a primeira transformação da nossa análise.

Outro processo interessante de transformação aconteceu com o personagem Jerônimo, trabalhador da pedreira, que chega ao cortiço procurando por serviço e, ao chegar, conversa com João Romão, também proprietário da pedreira, para que ele lhe ofereça trabalho, pois afirmava estar cansado do antigo. Contratado por João Romão passa a viver no



1061

local com a esposa Piedade. Durante sua estadia no cortiço, acaba se envolvendo com a sedutora mulata Rita Baiana. Nesse sentido, também, é influenciado pelo meio, como se pode confirmar no trecho a seguir:

Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros. E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português; e Jerônimo abraçava-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem, para dar dois dedos de palestra nas horas de descanso, e aos domingos reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas; a pimenta-malagueta e a pimenta-de-cheiro invadiram vitoriosamente a sua mesa; o caldo verde, a açorda e o caldo de unto foram repelidos pelos ruivos e gostosos quitutes baianos, pela muqueca, pelo vatapá e pelo caruru; a couve à mineira destronou a couve à portuguesa; o pirão de fubá ao pão de rala, e, desde que o café encheu a casa com o seu aroma quente, Jerônimo principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou a fumar também com os amigos. (AZEVEDO, 1997, p.44)

Aluísio nos detalha toda uma mudança provocada no personagem Jerônimo, ele, que era português, abandona sua cultura e abraçava-se, termo que caracterizou o processo de metamorfose presente no excerto acima.

O último elemento a ser analisado é a prostituição dentro da obra. Ela pode ser apreendida no adultério das personagens Estela, que trai o esposo Miranda, com Henrique, e Jerônimo, que trai sua esposa Piedade com a mulata sedutora Rita Baiana. Mas, dentre os personagens, a prostituição, de forma direta, no sentido de relações por dinheiro, se concentrou na jovem Pombinha. Essa personagem foi retratada como uma moça muito bem-educada, instruída e vigiada pela mãe Dona Isabel, mas, durante a narrativa, quando a moça conhece a prostituta Leónie, corrompe sua áurea virginal. Na obra, isso acontece, primeiro, quando perde a virgindade com a prostituta e, posteriormente, quando acaba decidindo viver a mesma vida de luxúria que vivia Leónie. Podemos comprovar essa afirmação na seguinte



1062

passagem:

Dona Isabel quase morre de desgosto. Para onde teria ido a filha?... "Onde está? onde não está? Procura daqui! procura daí!" Só a descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Léonie. A serpente vencia afinal: Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída, meter-se-lhe na boca. A pobre mãe chorou a filha como morta; mas, visto que os desgostos não lhe tiraram a vida por um a vez e, como a desgraçada não tinha com que matar a fome, nem forças para trabalhar, aceitou de cabeça baixa o primeiro dinheiro que Pombinha lhe mandou. E, desde então, aceitou sempre, constituindo-se a rapariga no seu único amparo da velhice e sustentando-a com os ganhos da prostituição. Depois, como neste mundo uma criatura a tudo se acostuma, Dona Isabel mudou-se para a casa da filha. Mas não aparecia nunca na sala quando havia gente de fora, escondia-se; e, se algum dos freqüentadores de Pombinha a pilhava de improviso, a infeliz, com vergonha de si mesma, fingia-se criada ou dama de companhia. (AZEVEDO, 1997, p. 114).

No fragmento citado acima, vimos que, após a influência da prostituta na vida de Pombinha, a moça, depois de se casar, não se adaptando à rotina matrimonial, decide acompanhar os passos de Léonie. Nos casos analisados, notamos que as personagens tinham um determinado perfil, mas que, em contato com outras pessoas e outras vivências, acabaram sendo influenciadas pelo meio que viviam.

Após compreendermos a formação do espaço físico na obra e sua influência sobre os personagens, iremos relacioná-la ao que, atualmente, são considerados “Os Cortiços”, ou seja, “As Favelas” e verificaremos que essas temáticas continuam atuais. Sobre isso (SILVA, 2010, p. 62) nos explica:

Segundo Abreu, é somente a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX que a cidade passa por um processo de transformação em sua forma urbana, apresentando pela primeira vez uma estrutura de classes espacial marcada pela estratificação em termos de classes sociais. A abolição da escravatura, o surgimento da indústria e o incremento do comércio e serviços na área central da cidade fazem com que se solidifiquem as classes sociais e se inicie uma luta pelo espaço, gerando conflitos que vão se refletir claramente no espaço urbano da cidade. Os cortiços, grandes casarões onde morava grande número de famílias, abrigavam cerca de 50% da população carioca no período entre 1850-70 (CAMPOS, 2004, p.53). No ano de 1866, proíbe-se a construção de novos cortiços e se instala a “ideologia da Higiene”, dando início ao processo de destruição dos cortiços. A população pobre vai sendo aos poucos expulsa do centro da cidade. O período que nos chama atenção aqui é o que corresponde ao fim dos cortiços na área central, pois este período significa um momento marcante de exclusão social dos pobres na cidade do Rio de Janeiro. Concordamos com Vaz (1991, p.140) quando aponta que ocorreram três momentos principais de exclusão social na evolução urbana da cidade: a proibição e demolição dos cortiços, as reformas e modernização da área central e o código de obras de 1937, que adotou a verticalização como solução para o problema da moradia, ratificando seu caráter elitista e lançando a moradia da classe de baixa renda na ilegalidade. É a partir da condenação e proibição dos cortiços que vamos analisar a evolução das favelas na cidade do Rio de Janeiro. Esta



1063

população, conforme Abreu ressalta, não podendo se afastar do centro da cidade, de uma maior concentração de ofertas de trabalho, vai buscar outras formas de se manter no centro, surgindo e não as primeiras favelas. O desenvolvimento urbano da cidade e a falta de mobilidade do pobre fazem com que se torne fundamental para ele permanecer nas áreas centrais, independente das condições de habitação que são “oferecidas”.

No trecho acima, vimos o processo de reconfiguração do espaço do Rio de Janeiro e o surgimento do que seriam hoje as atuais favelas. Observaremos a situação desses locais na atualidade, verificaremos se mudou ou não e relacionaremos com as temáticas analisadas na obra de Aluísio e concluir, demonstrando, como isso, que a obra **O Cortiço** continua tendo relevância nos dias atuais.

Vejamos, então, depoimentos de pessoas que vivem na favela. Os fragmentos que se seguem fazem parte da notícia **Favela em rua da zona oeste cresce e assusta vizinho**, uma notícia publicada no dia, 04 de Março de 2017, na página *Agora*³ do site *Uol*, por Lucilene Oliveira:

Funcionário da garagem de uma viação de ônibus, que divide parede com a ocupação, Adilson conta que, no início desta semana, a cerca elétrica precisou ser consertada após uma tentativa de invasão. "No meio do ano passado, eles entraram na sala de objetos perdidos e levaram tudo. Nós mudamos a sala para um lugar de mais difícil acesso, mas volta e meia tentam entrar de madrugada", afirmou. O fiscal destaca também que o tráfico de drogas e a prostituição são constantes.

Na notícia acima, observamos que o espaço continua o mesmo após tantos anos, pois mostramos que, no livro de Aluísio, os espaços eram invadidos, os objetos eram furtados, a prostituição acontecia entre vários personagens. Zola, também, falou sobre esse círculo que rege a sociedade e que prende todas as coisas, sobre isso ele fala:

O *circulus* social é idêntico ao *circulus* vital: na sociedade, tanto quanto no corpo humano, existe uma solidariedade que liga os diferentes membros, os diferentes órgãos, entre si, de tal modo que, se um órgão apodrece muitos outros são atingidos e uma doença muito clara se declara. Assim sendo, quando em nossos romances fazemos experiências sobre uma ferida grave que envenena a sociedade procedemos como o médico experimentador: tentamos encontrar o determinismo simples inicial, para chegar depois ao determinismo complexo cuja ação ocorreu em seguida. (ZOLA, 1880, p. 51)

³<<http://www.agora.uol.com.br/saopaulo/2017/03/1863645-favela-em-rua-da-zona-oeste-cresce-e-assusta-vizinhos.shtml>> Acesso no dia 07 de Maio de 2017.



1064

A respeito do que disse Zola, equiparado ao romance de Aluísio, bem como à notícia explorada, primeiro temos a formação do espaço, surgido após intervenções da elite sobre onde estariam os cortiços em pleno século XIX, neste caso as pessoas tiveram que mudar para as “zonas distantes” abandonando ou não o centro da cidade, dando início às atuais favelas. Esse foi o determinismo inicial. Posteriormente, com a criação do novo espaço, ocupado por esses moradores, diversos problemas surgiram, advindos das dificuldades financeiras, alguns desses moradores aderiram às práticas ilegais, como vimos nos personagens João Romão e Bertoleza, e, também, no depoimento do morador na notícia citada, mostrando, assim, como a obra literária consegue apreender problemas da realidade circundante.

A situação continua a mesma em pleno século XXI, as temáticas da obra se tornam, então, atemporais. Cremos que o que faz com que elas se tornem atemporais, são as características fixadas por (ZOLA, 1880, p. 41) “... o escritor precisa tratar dos caracteres, das paixões, dos fatos humanos e sociais para retratar essa diversidade”. E, muitas vezes, esses caracteres, esses fatos humanos e sociais não mudam de uma hora para outra, pois, como já foi dito por ele, estamos em um *circulus* social e um *circulus* vital, que nos liga, tanto interiormente quanto exteriormente ao meio em que vivemos.

Considerações finais

Concluimos evidenciando a articulação existente entre o contexto histórico do livro **O Cortiço**, que configura o século XIX, e o da notícia, que demonstra fatos do século XXI. A fundamentação teórica utilizada em nossa análise e comparação, ou seja, o pensamento de Zola relacionado ao de Bernard foram essenciais para a compreensão do conceito de determinismo tão utilizado pelos escritores naturalistas. Percebemos que os problemas abordados na obra de Aluísio de Azevedo continuam, infelizmente, bem presentes na nossa sociedade contemporânea e, com isso, percebemos o quanto a leitura de obras literárias promovem a compreensão de demandas que, ainda, nos afligem no mundo moderno.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro).



1065

SILVA, Marta do Nascimento; Ferreira, Alvaro. **A favela como expressão de conflitos no espaço urbano do Rio de Janeiro: o exemplo da Zona Sul Carioca.** Rio de Janeiro, 2010, 157p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ZOLA, Émile. **O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro.** Editora Perspectiva, 1880.